

ROQUENTIN, CONTIGÊNCIA E NÁUSEA

Luis Anderson Moraes Diaz

Mestre em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu

Resumo: Neste artigo faremos uma breve análise acerca da náusea e o sentimento de existência no romance, *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre. Pretendemos neste ensaio enfatizar como o sentimento de náusea está ligado à consciência de que a existência é pura contingência, pura gratuidade, ou seja, não ligada a nenhuma causalidade que dê um significado, a priori, para a existência. A inquietação existencial de Roquentin é fruto da consciência que, gradualmente, se depara com sua própria realidade contingente.

Palavras-Chave: Náusea, Sartre, Existencialismo, Contingência.

Résumé: Dans cet article, nous allons faire une brève analyse de la nausée et le sentiment de l'existence dans le roman, *Nausée* de Jean-Paul Sartre. Nous avons l'intention dans cet essai souligner à quel point le sentiment de nausée est liée à la conscience que l'existence est pure contingence, pure gratuité, qui est dissociées des causalité pour donner un sens, a priori, pour l'existence. L'agitation existentielle de Roquentin est le résultat de la conscience qui est graduellement confronté à sa propre réalité contingente.

Mots-Clés: Nausées, Sartre, Existentialisme, Contingence.

Iniciemos o presente artigo pela epígrafe que dá início ao romance. Parece significativo que Sartre tenha destacado-a logo no início da obra. Observemos que a frase da epígrafe é da obra *A Igreja*, do escritor argelino Louis-Ferdinand Celine (1894-1961). Uma frase impactante e que nos prepara para o mergulho no mundo de Antoine Roquentin: “*É um rapaz sem importância coletiva; é apenas um indivíduo*” (Sartre, 2011, p. 09). Jacques Deguy, em sua obra intitulada *La nausée de Jean-Paul Sartre*, afirma que a cerca dessa frase Sartre declarou que não conhecia a obra de Celine na época em que escreveu seu romance, a não ser de segunda mão e unicamente a referida frase. Escreve Deguy: “Quanto ao recorte, ele declara bem mais tarde não ter conhecido *A Igreja* a não ser de segunda mão, unicamente por esta citação do “rapaz sem importância coletiva” que com ele tinha se ligado.” (DEGUY, 1993, p.28).¹Essa frase parece de certa forma preconizar o que encontraremos sobre a vida de Roquentin, alguém que não apresenta importância social nenhuma. Ele não tem nada de especial, e até certo

¹ Quant à la pièce, Il déclara beaucoup plus tard n'avoir connu L'Église que seconde main, uniquement par cette citation du «garçon sans importance collective» qu'on lui aurait rapportée. (Deguy, 1993, p. 28).

ponto, não fosse sua inquietação existencial que surge aos poucos, podemos dizer que é um indivíduo como qualquer outro.

É importante destacar que a filosofia existencialista de Sartre procura valorizar o indivíduo. Embora esse mesmo Sartre passe posteriormente a dar um grande valor ao engajamento político, o indivíduo ainda é fundamental em sua filosofia, pois ser indivíduo é existir de forma concreta. Neste romance ainda não aparece uma preocupação com o outro, com a ética ou com a política. Ao contrário, há o desinteresse, a indiferença e até mesmo certo sarcasmo. O que podemos notar no cotidiano do personagem Roquentin é a banalidade da vida, a contingência de sua própria existência. Ao longo de seu diário, vai se tornando evidente a gratuidade da própria existência, a gratuidade dos seres e dos acontecimentos, a gratuidade de toda existência, ou seja, a ausência de sentido, de significado. É consciente do absurdo da existência que se chega ao ponto da náusea, que é o mal-estar da consciência diante da percepção de que toda realidade é contingente e gratuita.

Na obra, *Sartre, o pregador da liberdade*, Annie Cohen-Solal escreve que já na primeira versão de *A Náusea* é possível perceber os temas que Sartre irá desenvolver na segunda e terceira versão. Porém destaca que os temas capitais são, “sobretudo, a percepção da existência e da contingência, numa experiência-limite, antes da catástrofe da hiperlucidez e da loucura” (SOLAL, 2007, p. 59). Podemos dizer que a náusea é o resultado da hiperlucidez da consciência, que tem diante de si a constatação de que nada é necessário, que nada justifica sua própria existência, que a existência é contingência. Esse certamente é o conceito chave da obra *A Náusea: a contingência*.

No início da obra, em “Nota dos editores”, Sartre faz uma breve apresentação do personagem principal, Antoine Roquentin. Dando a impressão de que se trata da publicação real do diário de alguém que não seria um personagem da ficção, Sartre apresenta Roquentin como um intelectual que “após haver viajado pela Europa central, África do Norte e Extremo Oriente, tinha se fixado havia três anos em Bouville para aí concluir suas pesquisas históricas sobre o marquês de Rollebon” (SARTRE, 2011, p. 11). Sozinho e sem grandes responsabilidades, ele descreve em seu diário, com riqueza de detalhes, os seus dias em Bouville. São anotações que descrevem seu percurso, desde o lampejo inicial de lucidez sobre a existência e contingência, manifesta como um mal estar inicial, ainda que não compreendida de imediato, até a apoteose da Náusea de uma consciência hiperlúcida.

Roquentin, que inicialmente não consegue compreender bem o que acontece com ele mesmo, pouco a pouco toma consciência de que nada é necessário, que sua própria existência não é necessária e que há uma ausência de valor intrínseco à sua existência; em outras palavras, ele descobre a ausência de sentido e necessidade da vida. Ele toma consciência de que o fato de existir não resulta de nenhuma necessidade, de nenhuma cadência necessária de fatos. Percebe que a vida, a existência, se constitui de fatos e não há nada que assegure uma conexão entre eles, e isso provoca uma mudança na vida de Roquentin. Isso é bem explicitado pelo Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva na obra, *Ética e literatura em Sartre: Ensaio introdutório*, no seguinte trecho: “Há uma mudança na qualidade da vida conforme ela seja sentida como continuidade entre passado e presente ou como um presente desconectado do fio da sucessão” (SILVA, 2004, p. 82).

Um ponto interessante de notaré a estruturado diário de Roquentin, o descontínuo em que os fatos são vividos pelo personagem. A contingência enquanto a não necessária conexão dos fatos parece se deixar ver nas entrelinhas do diário. Embora seu conteúdo seja um lento desvelar da contingência, da náusea, os fatos narrados em muitos trechos, como um diário de fato nem sempre tem uma continuidade, deixa transparecer esse descontínuo. Sobre isso comenta Deguy no trecho a seguir:

Ao mesmo tempo escritor, narrador e personagem, estão condenados à escrita do descontínuo pela forma que ele escolheu. O "Factum sobre a contingência" pode se acomodar melhor nesta escrita não necessária, à qual é proibida a síntese significativa da narrativa retrospectiva. O que é geralmente considerado como uma fraqueza do diário íntimo, pela relação com a autobiografia se torna uma força aqui. (Deguy, 1993, p. 40).²

O desvelar gradual da realidade como contingência, uma vez iniciado, parece não ser algo do qual Roquentin consiga mais ter controle. Ele gostaria de continuar vendo uma conexão necessária nos fatos, o ordenamento do mundo de forma que continuasse a ver um sentido, um encadeamento necessário. Sua tentativa de continuar vendo os fatos com conexões entre si pode ser notada ao narrar para si mesmo sua vida. Vejamos o que Leopoldo e Silva afirma a esse respeito:

²À la fois scripteur, narrateur e personnage, ce dernier est condamné à l'écriture du discontinu par la forme qu'il a choisie. Le «Factum sur la contingence» s'accommode on ne peut mieux de cette écriture non nécessaire, à qui est interdite la synthèse signifiante du récit rétrospectif. Ce qui est d'ordinaire considéré comme une faiblesse du journal intime par rapport à l'autobiographie devient ici une force. (Deguy, 1993, p. 40).

A vida possui uma forma de acontecer que não comporta a estabilidade de uma continuidade narrativa; ela se constitui de fatos e nada assegura que haja entre eles conexão e teleologia. Por isso, de nada adianta Roquentin lembrar o passado: isso não torna o presente mais necessário. Roquentin tem o hábito de narrar-se a sua vida porque assim os fatos dão a impressão de um encadeamento conseqüente. [...] Mas, quando os próprios fatos acontecem no presente, eles têm a gratuidade do vivido espontâneo e não a necessidade do já acontecido. (Silva, 2004, p. 82-83).

Apesar de buscar uma fuga da contingência no hábito de narrar-se a sua vida, ele se conscientiza de que esta é desprovida de justificativa *a priori*, e que a única justificativa possível é aquela que ele mesmo cria para si. Porém, essa justificativa que pode dar ordem, sentido ao mundo, só é visível *a posteriori*, conforme também nos esclarece Leopoldo e Silva: “A ordem do vivido só é visível *a posteriori*: é então que escapamos do acaso. Isso significa que não se pode verdadeiramente escapar do acaso” (SILVA, 2004, p. 83). Em outras palavras, podemos afirmar que somos injustificáveis, pois se a ordem do vivido, a justificação, só é possível *a posteriori*, ou seja, olhando para o passado, e uma vez que esse não é mais, isso significa que o que é verdadeiramente é a contingência.

A consciência da existência como contingente é a origem de seu mal-estar, da Náusea. No entanto, inicialmente Roquentin não tem plena consciência disso. Ele ainda não é totalmente consciente de que o ser do homem no mundo, portanto também ele mesmo, é contingente. O homem enquanto coisa, na modalidade de *ser* é um fato, que participa da contingência universal do ser. A existência é injustificada, pois nada a explica como necessária, como participante de uma conexão necessária de fatos. A contingência se revela não somente como a condição existencial do homem, mas também a realidade na qual o homem se vê inserido e dentro da qual faz suas escolhas e projetos. Apoiamos esta afirmação em um trecho da obra de Sartre, *O Ser e o Nada*:

Por este ser que lhe é *dado*, a realidade humana participa da contingência universal do ser, e, por isso mesmo, daquilo que denominamos absurdidade. Essa escolha é absurda, não por que careça de razão, mas porque não houve a possibilidade de não escolher. (Sartre, 1997, p. 590).

A realidade humana participa, está mergulhada, na contingência universal, e sobre isso o homem não tem escolha. Assim a contingência pode ser entendida como pura

gratuidade. Na gratuidade da existência está a liberdade e essa implica a responsabilidade, uma vez que na ausência de justificativas para a existência, ele deve criar essa justificativa. Essa responsabilidade também gera angústia, pois o homem não tem onde se apoiar para tomar suas decisões, ele está só e tudo que fizer ou deixar de fazer é de sua inteira responsabilidade. Ele não pode culpar ou responsabilizar outro por suas ações. Júlio César Burgzinski, na obra *Má-fé e autenticidade: um breve estudo acerca dos fundamentos ontológicos da má-fé na obra de Jean-Paul Sartre*, escreve: “Dada a total responsabilidade que uma liberdade radical implica, ela acarreta uma angústia ilimitada. Todas as ações e omissões humanas são então vistas como o resultado da opção por determinadas possibilidades entre outras inúmeras outras[...]”. (BURGZINSKI, 1999, p.29). Essa responsabilidade tomará um sentido moral na filosofia sartreana, mas que não trataremos neste artigo.

Roquentin anota no seu diário tudo que se passa com ele ao longo do dia, bem como as sensações que as experiências lhe trazem a fim de tentar compreender a mudança que está ocorrendo. Anota em sua primeira página do diário:

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classificá-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi *isso* que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza desta mudança. (Sartre, 2011, p. 13).

O personagem sente que algo mudou nele mesmo, talvez nas coisas também, ou melhor, na maneira como ele percebe as coisas, mas ainda não consegue entender bem o que é que mudou. Sua sensação é a de que mudou sua forma de ver as coisas, o mundo a sua volta. A necessidade de anotar suas experiências diárias são a tentativa de entender o porquê isso o incomoda. Parece que ele teve uma espécie de lampejo sobre a realidade da existência, mas ainda não consegue identificar o que aconteceu. Mesmo em sua descrição sobre esse primeiro momento não há evidências, ele diz apenas que algo aconteceu e de repente ele parece perdido. Ele descreve o momento em que observava uns meninos brincando de ricochetear pedras no mar e no momento em que decidiu fazer o mesmo algo acontece. Ele deixa a pedra cair e vai embora. Vejamos como ele descreve esse momento:

O que ocorreu em mim não deixou vestígios claros. Havia algo que vi e que me desagradou, mas já não sei se estava olhando para o mar ou para o seixo. [...] Enfim, é certo que tive medo ou algum sentimento do gênero. Se pelo menos soubesse do que tive medo, já teria dado um grande passo. [...] todas essas mudanças dizem respeito aos objetos. Pelo menos é disso que gostaria de ter certeza. (Ibidem, p. 13).

Tomado momentaneamente por um sentimento que ele não consegue identificar, mas que lhe causa certa estranheza, que o arranca por um momento da sequência monótona dos acontecimentos e, ainda que ele não identifique exatamente o que acontece, faz com que tome consciência de sua existência como desnecessária, ou seja, totalmente contingente. Todo o seu diário é um roteiro de sua experiência da contingência, como bem escreve Solal: “[...] observa e registra suas impressões num diário. É a descrição exacerbada de sua experiência da contingência, o relato de suas impressões: “uma espécie de enjôo adocicado” ou uma “espécie de náusea” [...]”. (SOLAL, 2007, p. 81). Notemos que não se trata de algo ao qual se chega através de uma experiência racional, é algo intuitivo que subitamente o invade de tal forma que nem mesmo Roquentin consegue compreender de início o que estava acontecendo. Citamos a seguir um trecho de Deguy que acreditamos corroborar com o que afirmamos, vejamos:

A partir deste episódio pueril – o jogo de ricochetear do qual participam os garotos ao redor do personagem - ele vai chegar a um sentido de "existência" que vai muito além do conhecimento que podemos adquirir de forma racional. Em seu diário, ele anota a respeito do vivido em vias de fazer a aprendizagem da contingência [...]. (Deguy, 1993, p. 46).³

Quando Roquentin relata que está burguesmente instalado, ele se sente seguro. A náusea desaparece e ele se sente bem novamente. Como ele mesmo narra: “Meus estranhos sentimentos da outra semana me parecem hoje bastante ridículos: já não me identifico com eles. Essa noite, estou muito à vontade, burguesmente instalado no mundo” (SARTRE, 2011, p. 14). Ou seja, sem preocupações imediatas com a sua existência, como se tudo estivesse devidamente arranjado no mundo de forma a garantir todo o sentido das coisas e de sua própria existência. Nada mais tranquilizador do que um mundo em que tudo se encaixa e os acontecimentos não surpreendem. Tudo acontece como numa ordem sistematicamente harmônica. Roquentin deixa evidente esse pensamento ao se referir ao senhor de Rouen, que tinha um quarto reservado na mesma

³Parti de cet épisode puéril – le jeu des ricochets auquel s’adonnent les gamins autour du personnage – ce dernier parviendra à un sentiment de «l’existence» qui déborde de loin la connaissance qu’on peut en prendre de façon rationnelle. Dans son Journal, il se saisit sur le vif en train de faire l’apprentissage de la contingence [...]. (Deguy, 1993, p. 46).

hospedaria. Ele descreve parte da rotina desse senhor e demonstra o alívio que sente ao notar que tudo segue como de costume. Assim Roquentin escreve a esse respeito: “Pois bem, quando o ouvi subindo a escada, meu coração bateu mais forte, tal a tranqüilidade que isso me proporcionava: o que se pode temer num mundo tão regular? Creio que estou curado” (SARTRE, 2011, p. 15).

Um mundo sistematicamente organizado, onde tudo se desenvolve dentro do esperado, ou seja, dentro daquela regularidade descrita por Roquentin, como vimos no parágrafo anterior, faz com que se tenha certa tranqüilidade. Essa regularidade cria uma espécie de ilusão, ou seja, esse mundo regular não seria o mundo de contingência. Por consequência, não se sente aquele mal-estar que é a náusea. Essa sensação de tranqüilidade impede, de certa forma, não só a consciência acerca da contingência como também ameniza a responsabilidade diante das escolhas. Destacamos um trecho da obra de Júlio Cesar Burdzenski, *Má-fé e autenticidade: um breve estudo acerca dos fundamentos ontológicos da má-fé na obra de Jean-Paul Sartre*, em que entendemos que ele também sugere o que afirmamos. Vejamos no trecho a seguir:

Mergulhada na cotidianidade, a maior parte dos homens ignora a ausência de quaisquer fundamentos positivos para os valores que guiam suas ações, agindo como se tais fundamentos estivessem tranqüilamente assegurados, o que promove uma falsificação existencial. Uma existência assim falsificada coloca-se sob o registro do que Sartre chama de *espírito de seriedade* [...]. (Burdzenski, 1999, p. 31).

Podemos dizer que a ideia de necessidade, a vontade de Roquentin de que exista um mundo regular, necessário, é uma espécie de contraposição àquela consciência hiperlúcida que percebe a contingência. De certa forma ele espera encobrir a contingência com a ideia de necessidade e assim escapar da Náusea. O que ocorre com ele é que em lugar da necessidade se lhe revela a contingência. Escreve Leopoldo e Silva: “E é nesse ponto que a *necessidade de ser* aparece como mero “verniz” que oculta a contingência. O *ser* revela-se a “fina película” que cobre as coisas. Em lugar do *ser* e da *necessidade*, a *existência* e a *contingência*” (SILVA, 2004, p. 84).

Mas esse sentimento de mal-estar não deixa Roquentin, a não ser por alguns momentos. Essa sensação parece se amenizar ou se acentuar em determinados momentos. Em outros Roquentin tenta se persuadir de que foi algo passageiro, mas logo se vê tomado novamente por aquele mal estar. Depois do episódio dos garotos brincando de ricochetear

pedrinhas no mar, Roquentin descreve que aquela sensação inicial foi tomando conta dele pouco a pouco, quase que como uma doença. Em seu diário ele descreve da seguinte maneira:

Alguma coisa me aconteceu, já não posso mais duvidar. Isso veio como uma doença, não como uma certeza comum, não como uma evidência. Instalou-se pouco a pouco, sorrateiramente: senti-me um pouco estranho, um pouco incomodado, e foi tudo. Uma vez no lugar, não mais se mexeu, ficou quieto e consegui me persuadir de que não tinha nada, de que era um alarme falso. E eis que agora a coisa se expande. (Sartre, 2011, p. 15).

Em Roquentin a consciência da contingência não é algo que se deu imediatamente. Comparando com uma doença, ele escreve que se sentia estranho, incomodado e que aos poucos foi se expandindo, foi tomando conta, pouco a pouco, até que ao tomar plena consciência da contingência, ele mesmo se torna a Náusea. Mas não é algo que ele quisesse sentir, não é agradável, por isso ele tenta se persuadir de que não havia nada. O fato é que ele ainda não sabe o que está acontecendo com ele mesmo.

Parece que as coisas agora existem de uma forma diferente, mas é Roquentin quem percebe o mundo de forma diferente. Cada coisa parece agora lhe chamar a atenção de forma brutal, intensa, mesmo em um pequeno detalhe como o de segurar o trinco da porta. Não é algo que passa despercebido, parece que é como se ele sentisse e tocasse as coisas pela primeira vez. Cada experiência é como se fosse totalmente nova, não se repete e lhe mostra ao mesmo tempo a consciência cada vez maior sobre o mundo que está aí, existindo em sua gratuidade. Não há movimento, ou ação, que não seja consciente, tudo toma grandes proporções para a consciência de Roquentin. Essa consciência plena em cada detalhe, em cada momento, é algo perturbador. Pois cada momento, mesmo o mais simples, se manifesta de forma intensa à sua consciência. Tudo isso revela o incômodo que Roquentin sente no processo que o leva a tomada de consciência da contingência e da gratuidade de sua própria existência. Mas como dissemos anteriormente, isso ainda não é claro para ele, ou talvez ele ainda esteja relutante em aceitar o que no fundo já sabe, ou seja, que nada justifica sua existência.

Roquentin, um homem que vive só e sem amigos, toma consciência de sua existência como contingente e gratuita e é tomado pela náusea. Ele não precisa lançar mão de certos meios, tal como fazem muitas pessoas, para sentir que existe. Como exemplo, podemos tomar em um trecho do diário quando após descrever pessoas comuns

em suas rotinas e da forma como se reúnem, ele diz: “Também eles, para existir, precisam estar reunidos”. (SARTRE, 2011, p.19). Mas é um tipo de existência que é mais para se mostrar, afim de que os outros percebam sua existência. Arriscamos dizer que é uma espécie de existência superficial e não como aquela que Roquentin tem experimentado, pois enquanto essas pessoas buscam se reunir para existir, ele busca muitas vezes se juntar a pessoas para fugir daquelas sensações que trazem a verdadeira percepção da existência. Talvez pareça um tanto confuso, portanto, vejamos mais um trecho de seu diário que corrobora essa afirmação:

[...] Mas eu me mantinha bem perto das pessoas, na superfície da solidão, decidido, em caso de alarme, a me refugiar em meio a elas: no fundo, até aqui eu era um amator. [...] Creio que não se pode “dar um espaço” para a solidão. (Sartre, 2011, p.21).

Embora ele viva sozinho, parece estar de certa forma sempre próximo a algumas pessoas para ter um refúgio quando sentir que será tomado pelo mal estar que volta e meia o aflige. No entanto, ele começa a perceber que nem mesmo essa tática poderá mais ajudá-lo. Após o trecho acima ele descreve como o mundo a sua volta parece tomado de vida, podemos dizer até mesmo de existência. Ele descreve que não quer olhar para o copo de cerveja em cima da mesa, que ele evita olhá-lo. O copo o incomoda, parece dizer que é como se o copo tivesse vida própria, como se mostrasse para ele, Roquentin, que sua existência era assim como a do copo de cerveja, totalmente desnecessária. Ele percebe que “os celibatários que me rodeiam não podem me ajudar: é tarde demais, já não posso me refugiar entre eles.” (Ibidem, p. 21). Eles não podem ajudá-lo uma vez que sua consciência acerca da realidade já não se assemelha à das outras pessoas. Percebe algo que não consegue explicar, mas que o faz perceber o mundo de uma forma diferente. Assim como o copo de cerveja, igual a tantos outros, mas para Roquentin há algo estranho e que dá medo. Escreve em seu diário: “Sei de tudo isso. Mas sei que há outra coisa. Quase nada. Mas não posso mais explicar o que vejo. A ninguém. É isso: deslizo suavemente para o fundo da água, para o medo” (Ibidem, p. 21).

Pouco a pouco Roquentin vai tendo experiências que lhe revelam o caráter contingente, gratuito e absurdo da existência. A contingência que ele não consegue verbalizar, ainda com precisão, mas somente vivenciá-la, revela-se numa espécie de transbordar de si mesmo das coisas, de tal forma que elas parecem tocá-lo como coisas vivas. Um dos momentos em que ele tem essa sensação é o da pedra que ia jogar ao mar

para tentar ricocheteá-la. Tempos depois, recordando esse fato ele irá descrever tal sensação em seu diário como a “náusea nas mãos”. Antes de chegar a esse ponto, em dado momento, ele escreve que olhava as botas de um oficial da cavalaria que saia do quartel e nisso ele vê um papel ao lado de uma poça. Roquentin se aproxima do papel e se abaixa para tocá-la, mas de repente ele sente que não pode tocá-la. É exatamente nesse ponto que podemos observar o que afirmávamos no início deste parágrafo. Assim ele descreve em seu diário:

Permaneci curvado por um instante, li: “Ditado: coruja branca”; depois me ergui, as mãos vazias. Já não sou livre, já não posso fazer o que quero.

Os objetos não deveriam *tocar*, já que não vivem. Utilizamo-los, colocamo-los em seus lugares, vivemos no meio deles: são úteis e nada mais. E a mim eles tocam – é insuportável. Tenho medo de entrar em contato com eles exatamente como se fossem animais vivos.

Agora vejo; lembro-me melhor do que senti outro dia, junto ao mar, quando segurava aquela pedra. Era uma espécie de enjoo adocicado. Como era desagradável! E isso vinha da pedra, tenho certeza, passava da pedra para as minhas mãos. Sim, é isso, é exatamente isso: uma espécie de náusea nas mãos. (Sartre, 2011, p.24).

Roquentin passa por experiências diárias que vão gradualmente lhe revelando a origem do seu mal-estar. Não são essas experiências grandes aventuras ou acontecimentos extraordinários. Sua consciência cada vez maior acerca da contingência e gratuidade da existência é que transforma cada pequeno detalhe em seu cotidiano um acontecimento de experiência da Náusea. A Náusea que cada vez se manifesta com mais frequência e intensidade se revela ser experiência de existência. Gradualmente ele não consegue escapar da consciência de que ele não é um ser necessário, que sua existência não tem um significado e que provavelmente ele está no mundo como qualquer outra coisa do mundo. A única diferença com relação às outras coisas é que ele tem consciência dessa gratuidade e da contingência como sua condição. Mas enquanto essa consciência ainda não é muito clara, Roquentin quase que começa a se confundir com a massa de coisas do mundo. Ao se olhar no espelho ele quase que não se reconhece, não vê um sentido para si. Ao olhar no espelho, ele anota em seu diário:

[...] Aí está. A coisa cinzenta acaba de aparecer no espelho. Aproximo-me e olho para ela: já não posso mais ir.

É o reflexo de meu rosto. Muitas vezes, nesses dias perdidos, fico a contemplá-lo. Não entendo nada desse rosto. Os dos outros têm um

sentido. O meu, não. Sequer consigo decidir se é bonito ou feio [...].
(Sartre, 2011, p.31)

E na página seguinte prossegue:

Meu olhar desce lentamente, com tédio, para essa testa, para essas faces: não encontra nada de firme, encalha. Evidentemente há um nariz, olhos, uma boca, mas nada disso tem sentido, nem mesmo expressão humana. [...] o que vejo está muito abaixo do macaco, na fronteira do mundo vegetal, no nível dos pólipos. (Ibidem, p. 32).

Ele percebe que aquela imagem que as pessoas em geral fazem de si mesmas nada mais são do que imagens que se formam a partir dos outros. Mas Roquentin, como não tem amigos, como é um homem só, não tem imagem de si formada a partir dos outros, ele pode contemplar sua verdadeira imagem, uma imagem nua, conforme escreve:

[...] As pessoas que vivem em sociedade aprenderam a se ver nos espelhos tal como aparecem a seus amigos. Não tenho amigos: será por isso que minha carne é tão nua? Dir-se-ia – sim, dir-se-ia a natureza sem os homens. (Ibidem, p. 33).

Em geral os outros homens não são conscientes de sua contingência e de sua gratuidade, não são incomodados com o mal-estar dessa consciência, pois são rodeados por pessoas que lhe atribuem um sentido ou porque espelha nessas pessoas um sentido para si. Mas as pessoas fazem isso sem plena consciência do que estão fazendo.

Roquentin até tenta fugir da Náusea, tenta escapar desse mal-estar. Mas mesmo nos Cafés ele não consegue mais se refugiar, podemos dizer que a Náusea, que agora ele escreve com letra maiúscula, está se tornando crônica. Vejamos com suas palavras o que ele escreve a esse respeito:

As coisas não vão bem! Não vão bem de modo algum: estou com ela, com a sujeira, com a Náusea. E dessa vez é diferente: me veio num café. Até agora os cafés eram meu único refúgio, porque estão cheios de gente e são bem iluminados: já não haverá nem isso; quando me sentir encurralado em meu quarto, já não saberei aonde ir. (Ibidem, p. 33).

Todos esses trechos do diário de Roquentin que destacamos ilustram a gradual tomada de consciência da contingência e da gratuidade da existência até o ápice dessa consciência. Como já afirmamos anteriormente, dessa consciência resulta a Náusea de Roquentin. À medida que essa consciência fica clara, a Náusea vai se instalando a tal

ponto de ser parte dele, de tomar posse dele e passar a acompanhá-lo onde quer que esteja. É ainda no café, onde ele tentava se refugiar que ocorre o momento em que a Náusea se apossa dele. Sobre esse momento escreve em seu diário como podemos observar no trecho a seguir:

[...] Então fui acometido pela Náusea, me deixei cair no banco, já nem sabia onde estava; via as cores girando lentamente em torno de mim, sentia vontade de vomitar. E é isso: a partir daí a Náusea não me deixou, se apossou de mim. (Sartre, 2011, p. 34).

No entanto, Roquentin ainda não é a Náusea. Ela toma conta dele, parece de certa forma chegar a enlouquecê-lo e ele se sente imerso na Náusea. Por todo lado ele sente esse mal-estar, é na camisa de algodão, na parede ou nos suspensórios de Adolphe, primo da dona do café em que ele se encontra. São trechos do diário de Roquentin que levam o leitor a mergulhar na experiência que o mesmo vive da Náusea. Sartre, através desse personagem, parece convidar seus leitores a mergulhar nessa experiência da Náusea. Não pela Náusea pura e simplesmente, mas pela consciência da contingência e da gratuidade. Experiência do homem só, isolado, que ainda que esteja em meio aos outros não consegue escapar desse mal-estar e se sente no meio da Náusea. Roquentin escreve: “A Náusea não está em mim: sinto-a ali na parede, nos suspensórios, por todo lado ao redor de mim. Ela forma um todo com o café: sou eu que estou nela” (Ibidem, p.35).

Os momentos em que é acometido pela Náusea são cada vez mais frequentes e ele parece também cada vez mais reflexivo. As origens da Náusea ainda não estão claras, mas ele começa a perceber aos poucos as possíveis origens desse mal-estar. A Náusea parece vir justamente do fato de se tomar consciência de que nossa existência é desprovida de significado, que não somos justificados, em outras palavras, a consciência da gratuidade de nossa existência. É significativo com relação a isso, o que Roquentin escreve a respeito de sua visita ao museu. No museu da cidade, ele entra em uma sala onde se encontravam quadros de pessoas ilustres da cidade de Bouville. É interessante sua reflexão ao contemplar o quadro de Pacôme, que fora aparentemente um grande negociante, pois aqui transparece melhor sua ideia sobre a gratuidade. Embora ele não use esse conceito “gratuidade” aqui, podemos dizer que sua reflexão nos mostra sua ideia a esse respeito e como a constatação disso o incomoda. Vejamos com suas palavras o que ele anota no diário:

[...] Mas seu julgamento me trespassava como um gládio e questionava até meu direito de existir. E era verdade, sempre me apercebera disso: eu não tinha o direito de existir. Surgira por acaso, existia como uma pedra, uma planta, um micróbio. Minha vida se desenvolvia ao acaso e em todos os sentidos. Enviava-me às vezes sinais vagos; outras vezes eu percebia apenas um zumbido sem importância. (Ibidem, p. 116).

Ao contemplar o quadro deste ilustre personagem de Bouville, Roquentin se remete ao que fora a vida desse personagem. A vida de Pacôme representa o oposto de sua vida. Diferentemente dele, Pacôme era um exemplo de homem que representava para aquela sociedade os papéis socialmente esperados de homem, marido, pai, homem de sucesso nos negócios, de uma família de nome reconhecido, sempre cercado de pessoas, representava em última instância a tradição. Roquentin era só, descompromissado, desengajado, um indivíduo sem importância. Parece que Pacôme tinha um sentido para sua vida, pelo menos essa seria a impressão ao considerar o que ele descreve da vida desse ilustre personagem de Bouville. Aparentemente Roquentin escreve com certa ironia que “Durante sessenta anos, infalivelmente, usara do direito de viver. Que magníficos olhos cinzentos! Nunca a menor dúvida os cruzara. [...] Sempre cumprira seu dever, todo o seu dever [...]” (SARTRE, 2011, p. 116). E ele, Roquentin, cheio de dúvidas, isolado, atormentado por uma consciência que o leva quase a loucura.

Roquentin não vê mais o histórico como forma de justificar o presente. “Já não estou escrevendo meu livro sobre Rollebon; isso terminou, já não *posso* escrevê-lo. Que vou fazer de minha vida?” (Ibidem, p. 129). Durante um tempo tal pesquisa serviu como forma de dar um sentido, um significado para sua existência. Mas na medida em que aumenta a consciência sobre a contingência, Roquentin parece não ver mais sentido em pesquisar a vida do marquês, uma vez que começa a concluir que o passado não serve de justificativa para o presente. Deguy também comenta essa consciência de que o passado não serve mais de justificativa para o presente a partir da experiência da náusea. Escreve Deguy: “No momento da apreensão da existência se instala uma crise – a Náusea – cuja uma das formas é a tomada de consciência de que o passado se esvanece, até se nadificar completamente” (DEGUY, 1993, p. 79).⁴

O presente não precisa do passado enquanto justificativa. “Revelava-se a verdadeira natureza do presente: era o que existe e tudo o que não era presente não existia.

⁴Dans le présent de la saisie de l’existence s’inscrit une crise – la Nausée – dont une des formes est la prise de conscience que le passé s’estompe, jusqu’à s’anéantir complètement. (Deguy, 1993, p. 79).

O passado não existia” (SARTRE, 2011, p. 131). Não adiantava mais buscar no passado um sentido para o presente, as coisas são o presente, prossegue Roquentin: “Agora eu sabia: as coisas são inteiramente o que parecem – e por trás delas... não existe nada” (Ibidem, p.131). Para ele, o marquês de Rollebon servia de certa maneira como uma fuga para não encarar diretamente sua própria existência. Pesquisando a vida de Rollebon, ele se ocupava e não sentia a Náusea, mas esta acaba tomando conta de Roquentin como conseqüência da consciência sobre sua existência, contingente e gratuita.

Diante de si, Roquentin tem agora a ausência de significado. “Que farei agora?”. Rollebon não está mais a sua frente para que sua consciência se ocupe dele e assim, fugir de sentir seu ser. Não há nada diante dele a não ser ele mesmo. Ele se vê obrigado a encarar sua própria existência sem subterfúgios. Quando Roquentin percebe que Rollebon não lhe serve mais como uma fuga de si mesmo, ele é novamente tomado pela Náusea. Porém, agora ele irá se conscientizar de que não está mais mergulhado na Náusea, na “Coisa” como irá escrever, mas irá concluir que ele mesmo é a Náusea. Assim anota Roquentin em seu diário: “A coisa, que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. – Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, refluí sobre mim. Existo.” (SARTRE, 2011, p. 134). Ele não sente a Náusea como algo exterior a ele, que o inunda. Percebe agora que ele é a Náusea, pois se conscientiza que a origem da Náusea é o fato de ser um ser que existe de forma contingente e gratuita. Após esse momento, ele desenvolve uma longa reflexão a respeito de sua existência, e não conseguindo deixar de pensar em si como ser existente, ele toma consciência de que não é possível deixar de notar a si mesmo como ser que existe, pois não é possível não pensar. E conclui:

Meu pensamento sou eu: eis por que não posso parar, Existo porque penso... e não posso me impedir de pensar. Nesse exato momento – é terrível – se existo é porque tenho horror a existir. Sou eu, *sou eu* que me extraio do nada a que aspiro: o ódio, a repugnância de existir são outras tantas maneiras de me *fazer existir*, de me embrenhar na existência. (Sartre, 2011, p. 136).

Em outras palavras, é através de Roquentin que Sartre encarna a náusea, que em última instância é contingência, ela deixa o nível abstrato e se concretiza no homem Roquentin. É a consciência de uma liberdade absoluta e ontológica que toma conta do personagem, ele é a liberdade e com ele todos os homens o são. Citamos a seguir um trecho de *Sartre: liberte et histoire*, de André Guigot, pois ele explica que Sartre

“antropologiza a contingência” e que podemos aplicar à análise que fizemos nesse parágrafo. Vejamos as palavras de Guigot:

A contingência atinge o nada em-si em uma reflexividade dolorosa pela qual a simples natureza ôntica do ser surge em uma espécie de injustificação ontológica. Sartre antropologiza a contingência: é porque os possíveis oferecidos são percebidos como relativos a "meus possíveis", que a angústia se demonstra tão reveladora como o mundo, e na essência mesma da consciência. (Guigot, 2007, p. 92).⁵

Torna-se cada vez mais claro para Roquentin que sua existência, bem como a de todos os existentes, não tem justificativa. Ele se questiona: “Por que estou aqui? E por que não estaria aqui?” (SARTRE, 2011, p. 140). Não há nada que justifique a existência, o homem existe e não há razões para isso, sua existência é gratuita. É significativo o diálogo com o Autodidata em que Roquentin faz exatamente essa afirmação. O Autodidata se dirige a ele dizendo que este está alegre. E ele responde ao Autodidata dizendo: “– É porque estou pensando – digo rindo – que aqui estamos, todos nós, comendo e bebendo, para conservar nossa preciosa existência, e que não há nada, nada, nenhuma razão para existir” (SARTRE, 2011, p. 151).

Roquentin se dá conta da liberdade absoluta e se percebe como liberdade inserida no mundo, numa dada situação. Todo o diário de Roquentin gira em torno da questão da existência humana como injustificável. Lançado no mundo o herói tenta entender se há uma razão que fundamente sua existência, mas como ele vai anotando em seu diário, a grande descoberta é a de que não existe razão alguma. Donizetti da Silva em *A filosofia de Sartre – entre a Liberdade e a História*, escreve:

Partindo da ideia de que todos esses *homens são livres* e, segundo o princípio exposto em *O Ser e o Nada*, estão lançados numa dada situação no mundo e, desse modo, são responsáveis por seu ser, pode-se perguntar: qual é a *situação* de cada um? Antoine Roquentin, o anti-herói de *A Náusea*, pergunta-se: *Por que existo? Há uma justificativa para a existência, qualquer que seja, ou um meio de superar a contingência de existir?* São esses questionamentos que parecem estar no cerne dessa obra, e são essas perguntas que norteiam o desenrolar da estranha experiência vivida pelo personagem em Bouville [...]. (Silva, 2010, p.69).

⁵La contingence atteint le néant lui-même dans une réflexivité douloureuse par laquelle la simple nature ontique de l'être surgit dans une sorte d'injustification ontologique. Sartre anthropologise la contingence : c'est parce que les possibles offerts sont vécus comme relatifs à «mon possible» que l'angoisse s'avère révélatrice comme rapport au monde, et dans l'essence même de la conscience. (Guigot, 2007, p. 92).

Nosso personagem demonstra que agora é plenamente consciente de sua existência e, mais precisamente, de que esta é contingente. Sua conclusão é clara e suas palavras são diretas ao dizer “não há nada, nada, nenhuma razão para existir.”. Tal ideia pode parecer para alguns um pessimismo, tal como acusam o existencialismo de Sartre, mas não se trata de pessimismo. Trata-se tão somente da constatação de um fato que não é em si pessimismo nem otimismo. O fato de não haver razão nenhuma para existir não significa que a vida não vale a pena ser vivida, o que se trataria isso sim, de um pessimismo. O que Roquentin entende é que não há justificativa, nada que fundamente *a priori*, a existência. Aqui se parece indicar a ideia que posteriormente Sartre irá explicitar melhor em sua conferência *O Existencialismo é um humanismo*, com o exemplo do corta papel, ou seja, o homem não tem uma essência *a priori*, e que no caso do homem a existência precede a essência, conforme Sartre afirma na conferência *O Existencialismo é um Humanismo*.

Roquentin agora sabe exatamente do que se trata o mal-estar que vem lhe tomando pouco a pouco a consciência. O mal-estar, a Náusea, é a evidência mais clara da existência contingente. Ele faz a experiência consciente da existência cada vez que a Náusea toma conta. De repente tudo lhe parece claro e evidente, ele existe, o mundo existe e ele agora sabe disso, ele sabe que assim como o mundo ele é contingente, que sua existência, bem como a do mundo, é injustificável, que não há razões para a existência de tudo. Ele escreve em seu diário:

Então é isso a Náusea: essa evidencia ofuscante? Como quebrei a cabeça! Como escrevi a respeito dela! Agora sei: Existo – o mundo existe – e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz para mim. É estranho que tudo me seja tão indiferente: isso me assusta. Foi a partir do famigerado dia em que quis fazer ricocheteios. Ia atirar o seixo, olhei para ele, foi então que tudo começou: senti que ele *existia*. (Sartre, 2011, p.164).

O personagem se dá conta de que ele é existência e de que é consciência da contingência dessa existência, o que faz dele o criador de seu próprio existir enquanto projeto. Ele é livre para criar e escolher aquilo que quer ser, ele está sempre presente diante de si mesmo. A esse respeito é interessante o comentário de Donizetti da Silva na mesma obra citada anteriormente, onde ele explica justamente esse ponto que comentamos, vejamos:

Roquentin descobre a existência em si mesmo, em torno de si e dentro de si; ele é seu corpo, é cada uma das partes e responsável pelo conjunto. Roquentin é. Por ser razão de seu existir, o personagem é obrigado a escolher: ficar em seu quarto ou sair, fumar ou não fumar, etc. E mesmo que nada faça, ele sempre estará presente a si. (Silva, 2010, p. 71).

Roquentin está lúcido a cerca da existência, tudo está claro para ele e essa lucidez agora é permanente, seu diário é o desenrolar dessa trajetória. Essa lucidez o levar a assumir a angústia, a náusea, até que ela o tome por completo e se confunda com o próprio Roquentin.

Existir, ter consciência de sua existência e do mundo, significa ser consciência da contingência, isso é a Náusea. Roquentin é a Náusea, é consciente de sua contingência e agora tudo que ele vê é a existênciacomo contingência, pois esta é a verdade sobre o mundo, inclusive sobre ele mesmo. Roquentin vê agora além das aparências das coisas, além do ser e da necessidade, que estas nada mais são do que uma fina película ou como ele escreve em seu diário, um logro. O mundo a sua volta parece se dissolver numa massa disforme, se revelando verdadeiramente como contingência. Vejamos a seguir um trecho em que Roquentin parece descrever essa ideia:

O verdadeiro mar é frio e negro, cheio de animais; rasteja sob essa fina película, é ela que prova a existência de Deus. Vejo o que está por baixo! Os vernizes se dissolvem, as pelezinhas aveludadas e brilhantes, as pelezinhas de pêssego do bom Deus se rompem por todos os lados sob meu olhar, se fendem e se entreabrem. (Sartre, 2011, p. 167).

As coisas, o mundo, tudo se revela a Roquentin em sua nudez, ou seja, além da superfície das aparências e além dos nomes que a eles atribuímos. Chamamos a atenção para esse ponto que se refere aos nomes, pois a linguagem parece conferir certa ordenação lógica ao mundo que em última instância garante certa segurança e estabilidade diante das coisas. Roquentin agora vê “o que está por baixo” da linguagem, dos nomes, ele vê as coisas mesmas e percebe que a lógica da linguagem não se aplica necessariamente à realidade das coisas. “Assim, a náusea é o vívido símbolo patológico da completa exterioridade entre palavras e coisas” (Danto, 1975, p. 13). A náusea é, portanto, também o efeito do distanciamento que ele começa a perceber entre a linguagem, os nomes, e coisas. Danto afirma que Roquentin pouco a pouco vai “[...] descobrir que o mundo carece de algo assim como a forma lógica, descobrir que esta pertence à linguagem e que é um erro supor que pertença à realidade” (Ibidem, p. 14). A contingência de todas as coisas,

elas estão ali simplesmente, sem razão alguma, sem lógica alguma. Da mesma forma que percebe sua própria existência como contingente. Vejamos as palavras de Roquentin:

As coisas se libertam de seus nomes. Estão ali, grotescas, obstinadas, gigantescas, e parece imbecil chamá-las de bancos ou dizer o que quer que seja a respeito delas: estou no meio das Coisas, das inomináveis. Sozinho, sem palavras, sem defesas, estou cercado por elas: por baixo de mim, por trás de mim, por cima de mim. Não exigem nada, não se impõem: estão ali. (Sartre, 2011, p. 168).

Todas as coisas parecem perder suas linhas limitadoras, se misturam se transformam todas em uma massa única e o nosso herói se vê sendo cercado por todos os lados. Ele não enxerga mais o mundo através das estruturas da linguagem e julga que o mundo das coisas não possui tais estruturas. Danto observa que Roquentin, na verdade Sartre através de seu personagem, ao invés de se desesperar diante de tal conclusão, poderia ter repensado a natureza dessa relação entre as palavras e as coisas. Isso poderia levá-lo a concluir que talvez não faltasse completamente uma estrutura lógica ao mundo, mas tão somente que há uma carência desse tipo de estrutura tal como na linguagem. Deixemos que Danto nos fale com suas palavras a esse respeito no trecho a seguir:

Em resumo, conclui Roquentin, ele não via o mundo como é, mas sim através das estruturas modeladoras da linguagem e, agora que lhe ocorrera não terem essas estruturas correlatos objetivos, julga-se obrigado a atribuir ao mundo precisamente a ausência de quaisquer estruturas – quando podia ter concluído, em vez disso, não que lhe falte estrutura, mas que ele é carente *dessas espécies* de estruturas, e ter buscado uma metafísica do discurso mais sólida. (Danto, 1975, p. 14).

Não é o objetivo deste artigo, aprofundar sobre a questão envolvendo a linguagem e o mundo, mas sim chamar a atenção para o fato de que Roquentin ao perceber que “coisas se libertam de seus nomes” e que “Estão ali, grotescas, obstinadas, gigantescas”, percebe sua existência como carente de uma razão lógica para existir. Podemos afirmar que novamente percebemos aqui a idéia de que a existência precede a essência tal como o existencialismo sartreano defende. Essa ausência de sentido, de estrutura lógica a dar sentido para a existência é a náusea. Uma ausência, um vazio, pode-se dizer um Nada que é a própria essência da liberdade humana, contingência pura que se manifesta como náusea, por isso Roquentin se transforma na própria náusea. Anota Roquentin em seu diário: “A Náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a

Náusea sou eu” (SARTRE, 2011, p. 169). A consciência de ser contingente, vivenciado no sentimento da náusea, demonstra a liberdade que é o homem e pela qual ele pode escolher a si mesmo. Mas é bom estar atento, pois não se trata de uma liberdade mística, como bem esclarece Mészáros no seguinte trecho:

A contingência não abre caminho a algum tipo de liberdade mística que emana da subjetividade do intelectual, mas sim a uma necessidade estruturada. O que se dá bem diante de nossos olhos é que o caráter *acidental* da contingência é transcendido e “metamorfoseado” na necessidade de *determinações interiores*. (Mészáros, 2012, p. 39).

Cabe-nos levantar uma questão: se tudo é contingente, inclusive nós mesmos, partilhamos com as coisas uma mesma forma de existir? Existimos tal como a raiz que Roquentin observa no jardim? Vejamos as palavras de Roquentin:

E depois foi isto: de repente, ali estava, claro como o dia: a existência subitamente se revelara. Perdera seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas, aquela raiz estava sovada em existência. Ou antes, a raiz, as grades do jardim, o banco, a relva rala do gramado, tudo se desvanecera; a diversidade das coisas, sua individualidade, eram apenas aparência, um verniz. Esse verniz se dissolvera, restavam massas monstruosas e moles, em desordem – nuas, de uma nudez aterrorizante e obscena. (Sartre, 2011, p. 170).

Obviamente não existimos da mesma forma que a raiz, ou qualquer outra coisa do mundo, muito embora tenhamos em comum a contingência. O que nos separa das coisas é a nossa consciência, que em outras palavras é o que somos afinal, liberdade. É o que afirma Danto no trecho a seguir:

[...] enquanto Roquentin e a raiz têm um vínculo comum de contingência, e *são* de certo modo mais do que aquilo que jamais se possa exprimir em palavras, as estruturas de um ser consciente devem diferir das estruturas dos objetos da consciência [...] tal raiz nunca pode ser contingente da maneira como o somos, pois, sendo uma coisa, não é consciente e, não o sendo, não pode ser livre. A liberdade é a *nossa essência*, no sentido de que *somos* a nossa liberdade, e não algo em separado a que acontece ter liberdade ou que poderia existir sem tal propriedade ou caráter. Mas isso significa que não temos essência em nenhum outro sentido [...]. (Danto, 1975, p. 26).

Caminhamos assim para o momento crucial da jornada de Roquentin, quando ele conclui aquilo que de certa forma já se prenunciava, que “O essencial é a contingência”. Ou ainda, “Tudo é gratuito” dirá Roquentin, e com isso podemos dizer que ele conclui

que a verdade mais fundamental sobre todas as coisas é a de que não existe razão alguma que fundamente a existência, ou que a justifique. “Existir é *estar aqui*” simplesmente isso. Mas vamos deixar que Roquentin descreva essa idéia com suas palavras:

Esse momento foi extraordinário. Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuí-a. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é necessidade. Existir é simplesmente *estar aqui* [...] a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. (Sartre, 2011, p. 175).

Podemos notar com isso a concepção de Sartre a cerca da liberdade, uma liberdade absoluta e radical. A existência humana é contingência, gratuidade, mas é principalmente liberdade, e mais ainda, é a consciência de ser contingência lançada em um mundo contingente. Nas palavras de Roquentin notamos a dimensão e a dramaticidade que a consciência dessa contingência assume quando ele enfim compreendeu a náusea e a assumiu como ele mesmo, ele próprio é a náusea. Anota Roquentin em seu diário: “Todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso” (SARTRE, 2011, p. 178).

A contingência é a realidade fundamental de todas as coisas e o homem é liberdade contingente. Essa liberdade é radical, absoluta, pois o homem não tem essência, ele não é definível por nenhuma essência. No entanto, essa concepção de liberdade defendida por Sartre, ainda radical, enfrentará dificuldades quando Sartre se defrontar com o histórico. Quando o Sartre de *A náusea*, que até então não vivenciara de fato conflitos históricos e, portanto, que não sentiu na pele o peso da história, sofre a queda dura de vivenciar uma Guerra Mundial sua idéia de liberdade passa a apresentar outra dimensão, o engajamento. Não é mais apenas a liberdade do indivíduo isolado, mas uma liberdade que implicará engajamento social, pois é coletiva. É uma liberdade inserida historicamente, pois é lançada em situação. Mas isto seria tema para outro artigo.

CONCLUSÃO

Em *A Náusea* observamos a idéia de uma liberdade absoluta do indivíduo, uma liberdade identificada através da idéia de contingência. Roquentin se dá conta de que a

náusea, aquele mal estar que sentia era devido à contingência, ou seja, ele toma consciência de que tudo é gratuito, nada justifica a existência. A ausência de uma conexão lógica e necessária entre os fatos que justifique a existência é expressa no sentimento da náusea. Como Roquentin afirma, “o essencial é a contingência”. Essa é a realidade da existência do mundo como um todo, mas que no caso do homem significa liberdade, pois ele é consciente dessa contingência, e portanto, livre para criar a sua própria essência. Não existe um “para quê existimos?” A não ser aquele que criamos para nós mesmos, eis a liberdade do homem. Mas, além disso, em *A Náusea* notamos também um homem isolado, para quem a história não significa muito ao tornar-se plenamente consciente da contingência.

BIBLIOGRAFIA

BURDZINSKI, Júlio César. **Má-fé e autenticidade: um breve estudo acerca dos fundamentos ontológicos da má-fé na obra de Jean-Paul Sartre**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DANTO, Arthur C. **As idéias de Sartre**. Tradução de James Amado. Série Mestres da modernidade. São Paulo: Editora Cultrix, 1975. 127p. Título original: Sartre.

DEGUY, Jacques. **La nausée de Jean-Paul Sartre**. Paris: Éditions Gallimard, 1993.

GUIGOT, André. **Sartre – Liberté et histoire**. Paris: Librairie philosophique J. VRIN, 2007.

MÉZÁROS, István. **A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução e notas de Paulo Perdiggão. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **A náusea**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. Coleção Biblioteca de Filosofia. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SILVA, Luciano Donizetti da. **A filosofia de Sartre entre a liberdade e a história**. São Carlos: Claraluz, 2010.